**João N’gola Trindade[[1]](#footnote-1)**

**Escrita e liberdade.**

**O papel do escritor numa sociedade colonizada**

**Resumo**

Ao abordar a escrita como acto de reflexão sobre a realidade social no período colonial e de luta pela conquista da independência, estabelece-se um diálogo entre a História e a Literatura de Angola realçando-se o contributo prestado pelos escritores angolanos na libertação psico-cultural, política, e económica do colonizado.

O autor debruça-se sobre a actividade jornalística e literária exercida por angolanos esclarecidos que através da palavra escrita contestavam a política colonial; a literatura subversiva e a literatura engajada serão analisadas no âmbito do confronto ideológico que opõe os colonizados aos colonizadores.

A escrita é analisada como um meio de comunicação por meio do qual se transpõem as barreiras colocadas pelas autoridades coloniais que impuseram a censura, por sinal uma das práticas que caracterizou o regime colonial português.

**Palavras-chaves:** independência, literatura, liberdade, revolução.

**Introdução**

O final do século XIX foi marcado pelo surgimento de um movimento cultural e político denominado Pan-africanismo, criado por intelectuais afrodescendentes que reflectiam em torno da situação do Homem Negro, discriminado na América e colonizado em África.

A libertação do Africano do jugo colonial e o retorno dos afrodescendentes à África eram temas discutidos pelos participantes dos Congressos Panafricanos que, por meio das obras que escreviam, procuravam consciencializar o mundo sobre o drama do Africano.

Em 1910, Portugal[[2]](#footnote-2) conhece uma nova fase da sua História Política com o triunfo do republicanismo e do liberalismo que apregoava, entre outros, a liberdade que em Angola, e no Ultramar Português, em geral, era negada aos angolanos.

Como veremos mais adiante, estes dois momentos históricos irão exercer influência em Angola, através do exercício da actividade jornalística e literária pelos angolanos que encontraram na escrita e no papel o meio para a reivindicação dos seus direitos e a valorização da cultura angolana “coisificada” pelo regime colonial português.

Pretende-se deste modo reflectir sobre a relação que se estabelece entre o homem e a escrita num contexto de restrição das liberdades e de censura imposta pelas autoridades coloniais em Angola no final da década de 50 do século XX.

Este periodo registou a instalação da PIDE em Angola que, no contexto da luta anti-colonial, desenvolveu um conjunto de actividades repressivas que visavam a manutenção do domínio português na então colónia portuguesa.

Este clima de restrição das liberdades é constantemente recordado pelos entrevistados do projecto *Angola nos Trilhos da* *Independência* – documentário produzido pela Associação Tchiweka de Documentação cujo patrono é o nacionalista Lúcio Lara.

Por sua vez, os estudiosos do nacionalismo angolano e da Literatura Angolana, dos quais destacámos Pires Laranjeira, admitem a hipótese de que inexistência de um quadro legal favorável ao exercício das liberdades fundamentais terá motivado os angolanos a insurgirem-se primeiramente nos jornais – tradição iniciada no final do séc. XIX com continuidade no séc. XX.

No que diz respeito ainda às fontes escritas, a entrevista concedida pelo nacionalista Amadeu Amorim ao *Semanário Novo Jornal*, despertou-nos a atenção pelo facto de o entrevistado ter realçado o papel desempenhado pelos poetas angolanos, como Viriato da Cruz, Agostinho Neto, entre outros, no processo de afirmação da Literatura Angolana durante o periodo colonial.

Esta reflexão tem como ponto de partida o final do século XIX, período da emergência do *protonacionalismo*, e termina na segunda metade do século XX com a afirmação do nacionalismo angolano e a conquista da independência de Angola - fase de maturação de um processo marcado por *rupturas* e *continuidades.*

1. **O Pan-africanismo[[3]](#footnote-3) e a libertação do Africano**

O final do século XIX conheceu o surgimento do Pan-africanismo na América (ZAU 2013:169-174), movimento cultural e político formado inicialmente pelos afrodescendentes George Padmore, Silvestre Williams, Marcus Garvey, Du Bois (ZAU 2013:171; BENOT 1969:196-198), entre outros, que, tendo consciência do passado glorioso de África se debruçavam sobre a dominação exercida sobre o africano pelo colonizador/europeu e a possibilidade do regresso dos afro-americanos ao continente africano.

Os autores (NGONDA 2012: 152; ANDRADE *apud* OLIVEIRA 2015:375; REIS *apud* OLIVEIRA 2015:374) que se debruçaram sobre a luta pela conquista das independências africanas, inclusive das colónias portuguesas, são unânimes em afirmar que elas foram o resultado de um longo processo que teve início com a *consciencialização*.

De acordo com Lucas Ngonda (2012:153), a literatura produzida pelo movimento pana-fricanista inscrevia-se no projecto de libertação do continente africano dominado cultural, económica e politicamente pelas potências coloniais que rejeitavam ao africano o direito à História, às liberdades fundamentais, e à auto-determinação.

O *despertar* *da* *consciência* e a aspiração à liberdade implicava a adopção de uma ideologia que opusesse o colonizado ao colonizador.

Ora, se por um lado, o Pan-africanismo viria ser a ideologia de libertação do colonizado, cuja concepção responde aos imperativos da luta contra o colonialismo, do outro lado, a *consciencialização*[[4]](#footnote-4) surge como a infusão de ideias[[5]](#footnote-5) que orientam a acção do homem, no caso concreto, o colonizado, na luta pela conquista da sua liberdade.

Como ideologia de libertação, o pan-africanismo apela ao *regresso aos valores da cultura africana*. Em Angola, os ideais pan-africanistas terão influência no movimento literário ***Vamos* *Descobrir* *Angola*** impulsionado pelos *Novos Intelectuais de Angola,* como Agostinho Neto - autor do poema *Havemos* *de* *voltar* inserido num projecto de resgate dos valores da cultura angolana negados pelo colonialismo.

A época é descrita por Henrique Guerra[[6]](#footnote-6) (2014:3) “de transição do percurso da cultura angolana, que se sentia já nos colóquios sobre poesia angolana” .

O referido movimento cultural integrava no seu seio jovens intelectuais ávidos em conhecer, estudar, e divulgar a cultura angolana. Ou seja, exaltá-la em detrimento da cultura portuguesa imposta pelo colonialismo aos angolanos.

"O trabalho artístico e literário”, de que fala Viriato da Cruz, seria o reflexo da cultura africana com a qual o intelectual africano, em geral, e o angolano, em particular, deveria se identificar.

* 1. **A escrita numa sociedade colonizada**

A escrita de um texto (jornalístico ou literário) é um momento de diálogo que o autor mantém, primeiramente, consigo[[7]](#footnote-7) mesmo, e, posteriormente, com o *outro*. Noutro ângulo, é um exercício da liberdade de pensamento, de expressão, de consciência[[8]](#footnote-8), e de criatividade. É ainda uma atitude do homem consciente, movido pelo espírito crítico, imbuído do propósito de introduzir mudanças na sociedade ao partilhar as suas ideias.

A escrita é um acto potencialmente capaz de *despertar* *a consciência*, de apontar aos *espíritos* *silenciados* o caminho da liberdade que lhes foi coarctada, no caso concreto, pela censura.

Entendem-se assim os factores que concorrem para que em qualquer época e parte do mundo o escritor, tal como o jornalista, seja um acérrimo defensor das liberdades fundamentais enquanto pressupostos fundamentais para o desenvolvimento de uma sociedade.

Em Angola, o exercício destes direitos pelos escritores e os jornalistas durante o período colonial, concretamente, finais do século XIX e na segunda metade do século XX, sempre foi acompanhado pela Administração Colonial Portuguesa (PEPETELA *apud* MACÊDO 2010:76; MACEDO 2010:73) que, em função do teor dos textos publicados pelos autores angolanos qualificava-os de “insurrectos” ou “subversivos”, pois contestavam o poder e a ordem coloniais estabelecidos na base e uso da violência.

Segundo Omoteso (2009:20), “os intelectuais africanos estavam munidos de uma arma importante que possibilitou o combate contra os colonizadores. A habilidade de escrever e as actividades opressivas que caracterizavam o regime colonial propiciaram à elite [intelectual] africana levantar-se contra as injustiças do poder colonial”.

De facto, a literatura[[9]](#footnote-9) e o jornalismo foram os espaços de representação dos conflitos (ANDRADE 1980:45, 66) que opunha os *colonizados* aos *colonizadores,* nos quais os escritores e os jornalistas angolanos expressavam o sentimento de revolta (MUANZA 2010:27; MACÊDO 2010:72-73, 79,81) contra a dominação cultural, económica, e política em Angola que integrava o mapa político-administrativo de Portugal, primeiramente, como sua “colónia”, e, posteriormente, como “província ultramarina”.

O "jornalismo de protesto" de que fala Luís Kandjimbo (2015:439) representa um período (1863-1930) de contestação da intelectualidade angolana contra a discriminação e as arbitrariedades levadas a cabo pela Administração Colonial Portuguesa.

Assinala-se aqui, entre as publicações desta época (séc. XIX) marcada por reivindicações, *O Futuro de Angola* no qual José de Fontes Pereira analisava a possibilidade de Angola alcançar a sua independência. Na sua opinião, esta haveria "de um dia chegar" (PEREIRA *apud* BITTENCOURT 2015:18).

Portanto, não haja dúvida sobre a fonte de inspiração da geração da *Mensagem* que surgiu nas primeiras décadas do século XX (NGONDA 2012:150); ela conservou o espírito *contestário* da geração que antecedeu e identificou-se culturalmente angolana.

* 1. **A *auto-consciencialização* e a *africanização* do espírito**

A *auto*-*consciencialização*[[10]](#footnote-10)implicava simultaneamente mudança de pensamento e valorização da cultura africana rejeitada pelo colonialismo. A adopção desta criou e reforçou o sentimento de *pertença* *à terra* até aí desconhecida pelo assimilado identificado culturalmente com o europeu/português.

Ora, a *africanização***[[11]](#footnote-11)** deste derivada da *auto*-*consciencialização* pressupunha ruptura com o assimilacionismo[[12]](#footnote-12).

 O aparecimento dos ***Novos* *Intelectuais* *de* *Angola*** decorre deste processo de ruptura. O propósito deste movimento cultural vinha expresso na palavra de ordem “***Vamos Descobrir[[13]](#footnote-13) Angola”***, concretamente a sua geografia, história, cultura, línguas, etc.

A fim de conhecer a cultura africana, o intelectual imbuído do espírito de «descoberta» tinha de “penetrar” no seio do povo e retirar dele todo o material susceptível de ser estudado.

Eugénio Ferreira afirmava na sua “Crítica Realista” que a criação literária devia reflectir a cultura do povo em todas as suas manifestações.

Às línguas nacionais[[14]](#footnote-14) Henriques Abranches viria a dedicar dois estudos publicados no Jornal Cultura, nomeadamente: *Panorama das Línguas* [Nacionais](1958?) e *O Português e o Quimbundo* (1959).

A referida publicação era o órgão oficial da Sociedade Cultural de Angola[[15]](#footnote-15), criada em 1942, no qual os seus colaboradores debruçavam-se sobre questões culturais como as línguas nacionais das quais já nos referimos.

Portanto, a sobrevalorização da cultura angolana, correspondendo aos ideais do pan-africanismo, em detrimento da portuguesa, era o espírito que norteava a actividade literária durante o período de luta de afirmação da identidade cultural angolana.

 **1.2.1.Anterioridade e a influência do nativismo**

Embora a influência do pan-africanismo seja constantemente realçada pelos estudiosos do nacionalismo e da literatura angolanos, não se pode subestimar a anterioridade do *nativismo* em relação àquele movimento cultural em Angola na segunda metade do século XIX.

Esta corrente de pensamento oriunda do Brasil, defensora da separação desta ex-colónia da metrópole e da “integração” de Angola naquela que foi a “maior possessão portuguesa” (PINTO 2009:71-75), encontrou eco no discurso *paternalista* e no *autonomista*/*independentista* dos “*filhos* *da* *terra”* que, em virtude da perda dos seus privilégios, viriam a criticar duramente nas páginas dos jornais a política discriminatória do Estado Colonial Português favorável aos *metropolitanos* em detrimento dos *nativos*.

Cordeiro da Mata, inicialmente *orgulhoso* pela educação portuguesa que recebera, adopta posteriormente uma postura oposta ao publicar o *Dicionário* *Kimbundu*-*Português* *(1893)*, a *Cartilha* *Para* *Se* *Aprender* *a* *Ler* o *Kimbundu* (*1892*), e igualmente a *Philosophia Popular* (*1891*) – acto de valorização da cultura Kimbundu, de um lado, e, do outro lado, de “rejeição” do assimilacionismo em curso que negava a existência da Literatura e Filosofia Africanas (PINTO 2009:83; ANDRADE 1980:46, 52).

O pensamento segundo o qual o desconhecimento da língua materna condiciona a aprendizagem da língua estrangeira (MATA, *apud* PINTO 2009:83), inscreve-se num projecto de educação em língua local que o pedagogo Joaquim Dias Cordeiro da Mata considera o meio mais eficiente no processo de ensino e aprendizagem.

Este projecto de dignificação dos valores culturais angolanos terá continuidade com o contributo de Agostinho Neto e de Viriato da Cruz: o primeiro, no seu poema *Havemos de Voltar,* apela aos seus contemporâneos o *regresso às tradições,* ao passo que o segundo (SOARES 2008: 86)[[16]](#footnote-16) introduz em *Makèzú* elementos linguísticos - “*Mbundu kenu muxima”*- conhecidos apenas pelos falantes da língua Kimbundu (SOARES 2008:80)[[17]](#footnote-17).

Além de sugerir a hibridez cultural[[18]](#footnote-18) resultante do assimilacionismo, a introdução de elementos linguísticos desconhecidos pelo colonizador insere-se numa estratégia de *comunicação* que, de um lado, permite a transmissão e recepção de informações sem interferência do colonizador, e, do outro lado, coloca o colonialista à margem dos planos de “subversão” traçados pelos colonizados (OLIVEIRA 2015:383-384) em busca da sua libertação[[19]](#footnote-19).

1. **A repressão do regime colonial**

Os escritores angolanos denunciavam nas suas obras o colonialismo[[20]](#footnote-20) como um *sistema* *de* *exploração*, *de opressão*, *e de* *violência* praticada contra o colonizado.

Ora, esta acção suscitou a reacção das autoridades coloniais que, preocupadas em manter a ordem, responderam às acusações feitas pelos intelectuais angolanos com a perseguição (ROCHA 2009:104) e a prisão destes responsabilizados pelo clima de insegurança que se instalou na sequência dos ataques ocorridos a 4 de Fevereiro de 1961 e a 15 de Março do mesmo ano[[21]](#footnote-21).

* 1. ***Papéis da Prisão”***

Por ter militado no movimento nacionalista, Luandino Vieira, autor da obra supracitada, e de outras que não cabe citar aqui, foi preso pelas autoridades portuguesas que o mantiveram nesta condição durante mais de uma década (1961-1972).

Na cadeia, o escritor deu sequência a sua actividade literária que resultou nos *Papéis da Prisão,* recentemente publicados, nos quais recorda a dor, o sofrimento e a angústia partilhada na cadeia com os outros presos.

Apesar de encarcerado, Luandino Vieira manteve-se fiel ao ideal de liberdade que orientava a sua participação na luta de libertação nacional.

A solidão na cadeia proporcionou-lhe “momentos de auto-reflexão” sobre o *passado, o presente e o futuro* de Angola. “O Tarrafal permitiu-me reflectir” – afirma o autor.

Preso, e como tal, impedido de falar com os seus companheiros de luta, o escritor comunicava-se com os seus companheiros na cadeia através dos *papéis*. Ou seja, mensagens escritas, permitindo deste modo a aproximação entre o emissor e o destinatário envolvidos no projecto de luta pela conquista da independência nacional.

* 1. ***“Aqui na prisão”, “Entoaremos hinos à liberdade”***

O poema de Agostinho Neto *“Aqui na prisão”* espelha a alma amargurada pelo isolamento do poeta na prisão que o priva do convívio com os seus companheiros de luta. *Entoaremos hinos à liberdade* é um sonho que viria a ser concretizado a 11 de Novembro de 1975.

A semelhança de Luandino Vieira, Neto encontra na cadeia um espaço para reflectir e escrever. Com este acto, o escritor exterioriza na sua obra o sentimento de revolta dos oprimidos que esperam nele uma palavra de «ordem» na luta contra a opressão colonial. “Eu já não espero/sou aquele por quem se espera” – dirá Agostinho Neto.

* + 1. **Discursos opostos**

Discurso acusador, a “literatura subversiva” apresenta a imagem do perigo que o escritor angolano representa para a sociedade colonial na qual o poder instituído reforçava a repressão contra o colonizado.

O discurso colonial fundamentava-se na inexistência da literatura africana, em geral, e angolana em particular; na associação do escritor ao “terrorista” perseguido e preso pelas autoridades coloniais que o responsabilizavam pelo clima de insegurança que se registava no seio da sociedade colonial.

A prisão dos escritores envolvidos em actividades denominadas de “político-subversivas” e de “terroristas”, dentro de um clima de repressão e de intolerância visava impedir a propagação e o reforço do *movimento* *independentista* que segundo a PIDE[[22]](#footnote-22) colocava em perigo a segurança e a estabilidade da “província ultramarina”.

Ao serviço do Estado Português, a polícia política portuguesa acompanhava atentamente as actividades desenvolvidas pelas associações culturais em Angola; suspeitava que as ideias veiculadas por elas pudessem exercer influência negativa em Angola.

Por sua vez, a “literatura engajada” (OMOTESO 2003:16; SOARES 2008:92)[[23]](#footnote-23) surge como um *discurso* *de afirmação da identidade do colonizado* e dasua *libertação* do assimilacionismo entendido aqui como instrumento de dominação psicológica.

Ao assinalar o engajamento do escritor no “despertar” da consciência revolucionária, a “literatura engajada” apresenta-se como um discurso mobilizador e interventivo veiculado na obra dos escritores angolanos mencionados anteriormente (Omoteso 2009:48).

**Conclusões**

A afirmação da Literatura Angolana ocorre no período de luta anticolonial - processo no qual intervêm vários actores, entre eles o escritor movido pelo espírito crítico e inconformado.

 Numa sociedade caracterizada pela inexistência das liberdades fundamentais, a escrita surge como um dos meios através do qual se pode dar início à revolução – processo que tem início com a mudança de pensamento concebido com o propósito de o homem alterar radicalmente a realidade social na qual está inserido por meio de acções concretas.

Agitador de consciências, o escritor angolano contribuiu para a construção de uma sociedade livre da **opressão** e da **censura**, duas das característicasda sociedade colonial na qual se assumiu como porta-voz dos oprimidos.

Por último, a Literatura Angolana foi um dos espaços de representação das identidades culturais, de afirmação da cultura dos povos angolanos enquanto expressão do pensamento e do sentimento de *pertença à terra*.

**Bibiliografia**

**Imprensa**

AMORIM, Amorim. *Ninguém evoca os processos políticos da Independência*. Entrevista concedida ao *Semanário* *Novo* *Jornal*. Luanda, 01/04/2016.

**Livros**

ANDRADE, Costa Andrade. 1980. Literatura Angolana (Opinião). Lisboa: Edições 70.

BENOT, YVES. 1969. Ideologias das Independências Africanas. Lisboa: Sá da Costa Editora, vol. I.

CAPOCO, Zeferino. 2012. Nacionalismo e Construção do Estado-Angola (1945-1975). Lobito: Escolar Editora.

KI-ZERBO, Joseph. 2000. História da África Negra. Publicações Europa-América, vol. II.

MACEDO, Jorge. 2010. A Dimensão Africana da Cultura Angolana(Ensaio). Luanda:INIC.

MARQUES, Irene Guerra, Ferreira, Carlos (Orgs.).2013. O Boletim Cultura e a Sociedade Cultural de Angola (Recolha e Pesquisa). Luanda: União dos Escritores Angolanos. Esta colectânea reúne os 15 números do Jornal Cultura publicados entre 1957 e 1960.

OMOTESO, Ebenezer Abdedeji. 2009. Ideologia e Engajamento em Agostinho Neto e Léopold Senghor: Uma Perspactiva Comparativa. Luanda: Fundação Agostinho Neto.

PINTO, Alberto Oliveira. 2006.Cabinda e as Construções da sua História (1783-1887). Lisboa: Dinalivro.

ROCHA, Edmundo.2009. Angola – Contribuição ao Estudo da Génese do Nacionalismo Moderno Angolano (Período de 1950 a 1964). Testemunho e Estudo Documental. Lisboa. Edição do Autor.

ROCHA, Edmundo, Soares, Francisco, Fernandes (Coord.). 2008. Angola – Viriato da Cruz, o Homem e o Mito. Luanda: Chá de Caxinde.

**Artigos**

BITTENCOURT, Marcelo. 2015. *Velho tema, novos problemas: a crioulidade em Angola*. In: Actas do II Encontro Internacional de História de Angola. Luanda: Arquivo Nacional de Angola, pp. 15-27.

CARLOS, Albino. 2010. *A dimensão cultural do jornalismo*. In:Maka*,* I*.* Luanda: União dos Escritores Angolanos, nº 1, pp. 53-59.

FERREIRA, Aurora da Fonseca. 2012. *Da clandestinidade à independência: periodização, sequência e fontes*. In: Actas do Colóquio da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional. Memórias de um passado que se faz presente. Luanda: Arquivo Nacional de Angola, pp. 93-110.

GUERRA, Henrique. 2014. *A Sociedade Cultural e o Boletim Cultura.* In: <http://jornalcultura.sapo.ao/letras/a-sociedade-cultural-de-angola-e-o-boletim-cultura>. Acesso em 30/05/2016.

KANDJIMBO, Luís. 2015. *Os intelectuais angolanos no princípio do século XX. Da apologia de uma Literatura Angolana ao Nacionalismo Nativista*. In: Actas do III Encontro Internacional de História de Angola, Luanda: Arquivo Nacional de Angola, pp. 437-453.

KEITA, Boubakar Namory.2011. *Línguas, palavra, identidade, desenvolvimento.* In: Mulemba. Luanda: Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto, vol. I, nº 2, pp.119-137.

LARANJEIRA, Pires. 2015. *A poesia de Agostinho Neto como documento histórico: premonição da liderança, projecto de libertação nacional e organização do Movimento Popular na viragem da década 40*. In: Actas do III Encontro Internacional de História de Angola. Luanda: Arquivo Nacional de Angola, pp. 363-372.

LOURENÇO, João Pedro da Cunha. 2015. *O discurso contestário dos africanos na imprensa. Reflexões à volta da Carta ao Bacharel Balthazar Britto Rocha D’ Aguiam*. In: Actas do III Encontro Internacional de História de Angola. Luanda: Arquivo Nacional de Angola, pp. 29-48.

MACEDO, Tânia. 2010. *As literaturas africanas e o jornalismo no periodo colonial*.In: Maka, I. Luanda: União dos Escritores Angolanos, nº1, pp. 71-83.

MUANZA, Manuel. 2010. *Literatura: instituição, imprensa e política*. In: Maka, I*.* Luanda: União dos Escritores Angolanos, pp.27-41.

NGONDA, Lucas. 2012. *Da clandestinidade à independência: periodização*. In: Actas do Colóquio da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional. Memórias de um passado que se faz presente. Luanda: Arquivo Nacional de Angola, pp. 149-161.

OLIVEIRA, Walney da Costa. 2015. *Linhas, Entrelinhas e Demandas Históricas Literárias na Luta de Libertação Nacional*. In: Actas do Colóquio da Luta Clandestina à Proclamação da Independência Nacional. Memórias de um passado que se faz presente. Luanda: Arquivo Nacional de Angola, pp. 373-400.

QUINO, António. 2010. *Luís Fernando e Albino Carlos – fronteira entre o jornalismo e literatura: da prisão à evasão*. In:MAKA, I*.* Luanda, União dos Escritores Angolanos, nº 1, pp. 85-103.

SOARES, Francisco. 2010a. *Joaquim Dias Cordeiro da Mata*. In: MAKA, I*.* Luanda: União dos Escritores Angolanos, nº1, pp.221-224.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_2010b. *Literatura, jornalismo e estilo*. In:Maka, I*.* Luanda: União dos Escritores Angolanos, nº 1, pp.35-41.

**VIDEOGRAFIA**

AMORIM, Amorim. Entrevista concedida ao jornalista Guilherme Galiano, apresentador do programa *Memórias* da *Independência*, emitido pela TV ZIMBO. 19/05/2016

ASSOCIAÇÃO TCHIWEKA DE DOCUMENTAÇÃO E GERAÇÃO 80. 2015. *Angola nos Trilhos da Independência.* Docmentário.

1. Licenciado em História pela Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Universidade Agostinho Neto (UAN). Colaborador do Jornal Angolano de Artes e Letras – Cultura. ngolatr@hotmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Segundo Lucas Ngonda (2012:151-152), foi neste país onde foi preparado o I Primeiro Congresso que viria a ser realizado em Paris, em 1919. Intelectuais angolanos, e de outras colónias portuguesas participaram nos trabalhos preparatórios do referido evento. [↑](#footnote-ref-2)
3. Evitamos falar da *negritude*. O discurso racializado, veiculado pelos teóricos deste conceito, centrava-se na ideia de que a luta de libertação dos povos africanos contra o colonialismo era uma luta entre raças, neste caso, a negra contra a branca - tese refutada por Agostinho Neto que considerou-a insustentável e “sem futuro”. [↑](#footnote-ref-3)
4. Pode-se falar também de mentalização. Ou seja, da etapa de preparação do colonizado para o confronto com o colonizador. [↑](#footnote-ref-4)
5. Fala-se aqui de ideias pan-africanistas veiculadas por Leopold Senhor e Aime Cesaire que a PIDE reputava de “agitados escritores”. [↑](#footnote-ref-5)
6. Antigo membro da Sociedade Cultural de Angola. [↑](#footnote-ref-6)
7. O escritor é o primeiro leitor da sua obra. [↑](#footnote-ref-7)
8. Consciência de si, *consciência* *de* *identidade* *cultural* (BONAVENA, E., *apud* PINTO 2009:71. Nota nº106. [↑](#footnote-ref-8)
9. Em detrimento do termo “literatura engajada” usamos o conceito de “literatura opositora” em relação da literatura dominante, colonial. A literatura opositora surge como um discurso contestatário, opositor, veiculado pelos colonizados que se opunham ao colonialismo. [↑](#footnote-ref-9)
10. É interessante o relatório da PIDE, cujo autor faz alusão à este processo como sendo de natureza política. [↑](#footnote-ref-10)
11. *Mentalização*; processo de identificação com a cultura africana. [↑](#footnote-ref-11)
12. Política de alienação por via da cultura. [↑](#footnote-ref-12)
13. O termo “descobrir” é usado com o sentido de introspecção. Ou seja, o olhar do colonizado/assimilado até aí fixo na metrópole, seu quadro de referência, volta-se para si, afastando-se deste modo do colonizador. [↑](#footnote-ref-13)
14. Actualmente denominadas *Línguas Africanas de Origem Angolana*. [↑](#footnote-ref-14)
15. Criada em 1942. [↑](#footnote-ref-15)
16. De acordo com Francisco Soares, Viriato da Cruz “se colocava na sequência dos esforços de Cordeiro da Mata e outros […]” intelectuais angolanos que o antecederam no estudo da cultura da angolana, particularmente do grupo etnolinguístico kimbundo. [↑](#footnote-ref-16)
17. Este autor fala da mistura do português com o kimbundo. [↑](#footnote-ref-17)
18. A hibridez cultural denota o comportamento do indivíduo que internamente vive uma crise, diria, um conflito de identidade, latente e evidente, derivado da inexistência de um único quadro de referência que orienta o comportamento humano. No caso concreto, o colonizado ao adoptar a cultura do colonizador não rejeita totalmente a sua cultura. Por esse motivo, o indivíduo ora assume-se como europeu/português, ora apresenta-se como africano/angolano. [↑](#footnote-ref-18)
19. De igual modo, os agrupamentos musicais da época como os *N’gola* *Ritmos*, que actuavam na periferia da cidade, cantavam músicas em língua kimbundu com o propósito de despertar a consciência nacionalista do povo que assistia aos seus espectáculos. Porém, “quando actuávamos na cidade, evitávamos cantar este tipo de músicas” – declara Amadeu Amorim, nacionalista angolano. [↑](#footnote-ref-19)
20. “Aquilo era um horror”. Testemunho de Benigno V. Lopes, conhecido pelo nome de Ingo, nacionalista angolano. [↑](#footnote-ref-20)
21. A PIDE acompanhava atentamente as actividades culturais desenvolvidas pelos Novos Intelectuais de Angola, acolhidos pela Sociedade Cultural de Angola após a extinção da ANANGOLA, e suspeitava que os mesmos tivessem sido os mentores das revoltas supracitadas. [↑](#footnote-ref-21)
22. O relatório da PIDE, datado de 14/03/1966 faz alusão a “reuniões político-subversivas” e a “movimentos terroristas” [↑](#footnote-ref-22)
23. Francisco Soares prefere falar em “literatura nacionalista […] que visa denunciar o sistema vigente”. [↑](#footnote-ref-23)